A leitura fundamentalista do Sl 91,11-12 em Mt 4,6 e Lc 4,10-11: um estudo exegético a respeito da instrumentalização mundana da Palavra de Deus

The fundamentalist reading of Ps 91:11-12 in Mt 4:6 and Lk 4:10-11: an exegetical study on the mundane instrumentalization of the word of God

Pedro da Silva Morais[1] e Renato Gonçalves da Silva[2]

Submetido em 28/06/2024
Aceito em 02/11/2024

RESUMO

Nos textos do Evangelho de Mt 4,6 e Lc 4,10-11 encontra-se um personagem diabólico, o tentador, citando o Sl 91,11-12, com o propósito de fazer o Cristo optar por um caminho de idolatria e corrupção, a via mais fácil para dominar tudo e a todos, vencendo qualquer poder hostil que anseia por impedir tal feito. Para fundamentar esta ideia, o diabo usa a religião e, até mesmo, de uma leitura distorcida da Palavra de Deus, como texto bíblico inspirado. Certamente, uma enganosa teodiceia que se resume numa representação de desejos vaidosos e/ou ideológicos. O personagem diabólico se comporta de maneira astuta, supostamente como vários líderes representantes de uma política mundana, capazes de adulterar o sentido profundo das Sagradas Escrituras a fim de propagarem suas ideologias mortais. Frente a complexidade da questão acerca do fundamentalismo, o presente estudo se abdica de uma investigação exaustiva desta problemática tão relevante dos tempos hodiernos, focando o seu interesse numa leitura exegética, teológica e pastoral da perícope de Lc 4,1-14a, sem esquecer de sublinhar o relato mateano das tentações. Contudo, o texto lucano oferece uma estrutura quiástica capaz de evidenciar com mais profundidade o tema do fundamentalismo bíblico e suas causas. De qualquer modo, ambos evangelistas apresentam a figura do diabo como um ser antagônico que deturpa o significado do Sl 91,11-12 a fim de tentar Jesus de Nazaré, o verdadeiro Filho de Deus que se torna enigmático à qualquer pessoa que decide ler a Palavra de Deus de forma desonesta.

Palavras-chave: Fundamentalismo bíblico, Salmos, Lucas, Tentação de Jesus, Diabo.

1 Doutor em Teologia Bíblica pela Faculdade de Teologia de Lugano. Docente no Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.
E-mail: dasilvamoraispedro@gmail.com

2 Mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico. Doutorando no Programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.
E-mail: renatojuridico@yahoo.com.br

ABSTRACT

In the Gospel texts of Mt 4,6 and Lk 4,10-11, there is a diabolical character, the tempter, quoting Ps 91,11-12, with the purpose of making Christ choose a path of idolatry and corruption, the easiest way to dominate everything and everyone, overcoming any hostile power that wants to prevent this. To support this idea, the devil uses religion and even a distorted reading of the Word of God as an inspired biblical text. It is certainly a misleading theodicy that can be summed up as a representation of vain and/or ideological desires. The diabolical character behaves astutely, supposedly like various leaders representing worldly politics, capable of adulterating the deep meaning of the Holy Scriptures in order to propagate their deadly ideologies. Faced with the complexity of the question of fundamentalism, this study refrains from an exhaustive investigation of this problematic issue, which is so relevant today, focusing its interest on an exegetical, theological and pastoral reading of the pericope of Lk 4,1-14a, without forgetting to emphasize the Matthean account of the temptations. However, the Lukean text offers a chiastic structure capable of highlighting in greater depth the theme of biblical fundamentalism and its causes. In any case, both evangelists present the figure of the devil as an antagonistic being who distorts the meaning of Ps 91,11-12 in order to tempt Jesus of Nazareth, the true Son of God who becomes enigmatic to anyone who decides to read the Word of God dishonestly.

Keywords: Biblical fundamentalism, Psalms, Luke, temptation of Jesus, devil.

1. Introdução

A questão do fundamentalismo é um dos problemas mais relevantes dos tempos atuais, uma problemática tem perpassado a reflexão de distintos pensadores nas últimas décadas. Apesar de ser um fenômeno relativamente recente, com nicho encontrado no protestantismo norte-americano, surgido nos meados do século XIX. O embaraçoso fenômeno tem se instaurado como reação à globalização, o pluralismo e o liberalismo teológico, assumindo como bandeira as ideias de inerrância bíblica, de escatologia milenista e antiecumenismo. Por conseguinte, pausadamente, começam a emergir, na modernidade, maneiras diferentes de ler e compreender o texto bíblico. A exegese bíblica vai se tornando histórica e, em seguida, crítica, despontando o intuito de distinguir entre histórias puramente imaginadas, inventadas, e histórias reais, verificáveis (Morais, 2016).

O Fundamentalismo bíblico não se estabelece somente através da interpretação literal de uma expressão verbal, *ipsis litteris*, isto é, nas próprias letras, ou seja, palavra por palavra, a modo de ditado, mas acima de tudo assinala a Bíblia como única e absoluta fonte, ocupando até o lugar de Deus, conduzindo a uma idolatria, no qual muitos adeptos desta corrente de pensamento constantemente sublinham: "a Bíblia diz", "a Bíblia resolve", a Bíblia responde tudo" (Lima; Silva, 2013). É simplesmente, uma atitude que, a partir da literalidade, justifica todo e qualquer absolutismo e radicalismo (Silva, 2014). A leitura fundamentalista parte do pressuposto que assinala

os textos sagrados, como Palavra de Deus inspirada e isenta de erro, lida e interpretada literalmente em todos os seus detalhes, sem admitir plurivocidade estabelece uma espécie de univocidade jurídica ou científica, sendo incapaz de assimilar uma distinção cultural, formas literárias e afirmações que intencionalmente podem ser ambíguas (Pontifícia Comissão Bíblica, 1994).

Frente a complexidade da questão em curso, o presente estudo recusa um aprofundamento exaustivo acerca do fundamentalismo, mesmo sendo das umas das problemáticas mais relevantes e atuais, colocando seu interesse no relato apresentado pelo Evangelho de Lucas em 4,1-14a, um episódio de transição que exibe a antítese básica entre o divino e o diabólico, pondo em foco a competência performativa de Jesus antes de assumir o seu ministério público a serviço dos desígnios salvíficos de Deus. O episódio aponta para a pessoa de Jesus e de como ele cumprirá sua vocação ungida pelo Espírito como Filho de Deus.

A perícope apresenta uma estrutura literária concêntrica que põe em foco a natureza do fundamentalismo bíblico personificado no personagem diabólico, comumente interpretado como "o tentador de Jesus". A característica deste personagem apresenta grandes traços do comportamento de numerosos líderes dos nossos tempos, que interpretam as Sagradas Escrituras de maneira proselitista, impondo doutrinas ou ideologias que convergem aos seus próprios interesses. Se a exegese exige metodologia cientifica, o fundamentalismo bíblico exclui a observação crítica e cientifica. Desse modo, pode-se afirmar que tais intérpretes visam conquistar as mentes e os corações de pessoas fragilizadas pelos graves contextos sociais que difundem somente medo e confusão. O grande objetivo do fundamentalista bíblico é manipular a Palavra de Deus a fim de que, os textos bíblicos fortaleçam o *status quo*, especialmente aquele discurso ou personagem político, no qual anseia com astúcia dominar tudo e a todos, ainda que tal prática custe vidas.

Apesar de encontrarmos nos textos sinóticos numerosos "tentadores" que se apresentaram a Jesus durante a sua vida terrena colocando-O à prova (Mt 16,1; 19,3; 22,18; 22,35; Mc 8,11.13; 10,1-12; Lc 11,16,29; 9,51; etc.), os textos dos evangelhos de Mateus (4,1-11) e Lucas (4,1-14a) em contextos similares ao apresentar o inusitado personagem diabólico citando a Palavra de Deus e, de modo particular, o Sl 91,11-12 – Mt 4,6 e Lc 4,11-12 – pretendem dar o significado dessas diferentes tentações encontradas no decurso dos relatos contidos nos três primeiros evangelhos. À vista disso, o presente artigo opta e centra seus esforços numa leitura minuciosa e detalhada das tentações presente em Lc 4,1-14a, considerando o seu contexto literário, composição e estrutura, ocupando-se também de uma análise léxico-morfológica e de sua semântica, com a finalidade de decodificar expressões e, assim, encontrar o significado mais exato da presença de uma leitura fundamentalista que instrumentaliza mundanamente a Palavra de Deus.

2. A estrutura literária-concêntrica presente em Lc 4,1-14a

Em todos os relatos sinóticos, a narrativa da tentação é precedida pelo batismo de Jesus no rio Jordão e serve como prelúdio para o ministério público de Jesus (Mt 4,1-11; Mc 1,12-13; Lc 4,1-14a). No contexto do Evangelho de Lucas, ao contrário de Ma-

teus e Marcos, o evangelista insere uma genealogia que remete Jesus a Adão (3,23-38).

O texto 4,1-14a coloca em primeiro plano uma interação crítica entre Jesus e o personagem diabólico. A cena reúne de modo acentuado e programático as várias linhas de oposição e hostilidade indicadas nos contextos anteriores pelas imagens das "trevas" e "sombra da morte" em 1,79, tal como a hostilidade predita e experimentada em 2,34 e 3,19-20 e outras evidências menos visíveis de oposição, são expostas como manifestações do mal que frustraria o advento da salvação de Deus. Similarmente, os marcadores literários e temas conectam o texto com o contexto de 3,21-38, no qual é demonstrado a competência de Jesus e as suas credenciais: o poder e a autoridade necessários para iniciar sua missão.

No batismo, o Espírito desce sobre Jesus e uma voz do céu declara que ele é o Filho de Deus. Da mesma forma, a narrativa da tentação sublinha o papel do Espírito Santo (Jesus está cheio do Espírito e é guiado pelo Espírito) e Jesus é o Filho de Deus. Desse modo, se assinala uma série de elementos-chave que interligam os contextos narrativos, alguns de forma quase subliminar, ajudando a garantir sua interpretação como uma cena-ponte que leva Jesus da investidura do Espírito ao seu ministério público.

Os mais óbvios desses elementos incluem referências aos aspectos cósmico e visionário (3,21-22; 4,5), a localização do deserto nas proximidades do Jordão (3,2-4.21; 4,1.14), o Espírito Santo (3,22; 4,1.14.16), a filiação de Jesus (3,22.38; 4,3.9.41), a preocupação com o significado da missão de Jesus (*passim*) e o encontro de Jesus com forças hostis (4,2-13.22-30.33-36). Se nos textos do Antigo Testamento e na tradição judaica subsequente, a fidelidade a Deus era provada em meio a testes - seja pela ação direta do próprio Deus, por meio de circunstâncias difíceis, ou pela atividade direta do diabo, o evangelista supostamente quer sublinhar que Jesus no confronto com o diabo sinalizará seu alinhamento com a vontade de Deus de uma forma que supera a evidência já evidenciada na sua demonstração de total submissão a Deus no seu batismo apresentado pelo relato 3,21-22 (Green, 1997). Com o intuito de fundamentar, de modo consistente, a sua Cristologia, os textos do Evangelho de Lucas se apresentam como um dos escritos mais influenciados pelo estilo deuteronomista.

O autor sagrado evidencia e reproduz os métodos exegéticos do Antigo Testamento como base para uma nova interpretação das escrituras, porquanto as características deuteronomistas são perceptíveis nas estruturas literárias concêntricas encontradas nos relatos que compõem o conjunto do Evangelho. De modo particular, pode-se constatar em Lc 4,1-14a coerência com outras propostas de estruturas, correspondência e simetria significativa, funcionalidade autenticidade autoral evidente que faz da narrativa uma estrutura concêntrica (Smith, 2009), assinalando a semelhança do estilo literário presente nos autores deuteronomistas que tornaram sua escrita uma verdadeira arquitetura (Carrière, 2005).

> Lucas escreve seu evangelho de forma muito artística, organizando seu material de modo que o foco principal seja Jesus, o Filho de Deus. [...] O evangelho de Lucas é caracterizado por um equilíbrio e precisão que revelam a mão de um artista literário. Frequentemente, homens e mulheres são mencionados em justaposição para se obter equilíbrio. [...] Dentre o material disponibilizado, Lucas teve de selecionar certas palavras e ações de Jesus e organizá-las "em um relato ordenado". A sequência em que Lucas registra essas palavras e ações

de Jesus muitas vezes não é a mesma dos outros dois escritores sinóticos. A sequência de Lucas parece ser ditada não por uma cronologia estrita, mas por ênfases, temas, equilíbrio literário e elaboração projetada (Kistemaker, 1982, p. 36.38-39, tradução nossa).

Eis o texto grego de Lc 4,1-14a (Nestle *et al.*, 2012), sua tradução e sua estrutura literária:

Tradução	Legenda
a – Ora, Jesus, pleno do Espírito Santo, retornou do Jordão, ele era constantemente conduzido de forma intima pelo Espírito para dentro do deserto, *b – sendo tentado por quarenta dias pelo diabo, contudo, ele não comeu nada naqueles dias. Quando estes terminaram, ele sentiu fome.* c – Então o diabo disse: "Se tu és o Filho de Deus, diga a esta pedra a fim de que ela se torne pão". Jesus sentenciou diretamente a ele: "Está escrito: Não só a base de pão o homem viverá". *d – Então elevando-o, o diabo, em um instante do tempo, mostrou a Jesus todos os reinos da civilização imperial. O diabo disse a ele: "Darei a ti esta autoridade e toda a sua glória, pois a mim foi entregue, de modo que, a quem desejo, posso dá-la. Se, portanto, te prostrardes diante de mim, tudo será teu".* e – ***Jesus, sentenciando, disse a ele: "Está escrito: tu deves prostrar-te ao Senhor, o teu Deus, ou seja, a Ele – tão somente deves adorar.*** *d' – Ora, o diabo o ergueu em direção a Jerusalém e o colocou em cima do pináculo do Templo e disse a Jesus: "Se és o Filho de Deus, jogue-se daqui abaixo".* c' – "Pois está escrito: aos seus anjos, ele ordenará para estarem ao seu redor, de modo que eles te protegerão e sob as mãos ele te sustentará, a fim de que nenhuma pedra acerte o teu pé". *b' – Então Jesus, sentenciando, disse: "Foi dito: Não tentarás o Senhor teu Deus". O Diabo, quando terminou toda a tentação, se afastou distanciando-se dele até o momento oportuno.* a' – Então, Jesus retornou, com o poder do Espírito, em direção à Galileia.	a-a': Paralel. Sinonímico Progressivo (Cristo e o Espírito) *b-b': Paralel. Sinonímico Progressivo (O tempo da Tentação)* c-c': Paralel. Sinonímico Antitético (Citação da Escritura) *d-d': Paralel. Sinonímico Antitético / Físico (Tentação nas alturas)* **e: *Mensagem Central – Adorarás somente o Senhor Teu Deus.***

O relato 14,1-14a possui uma unidade comunicativa estruturada e harmônica, com temática e vocabulário próprios, coesão e coerência em sua estrutura. Sua composição denota que foi minuciosamente pensada pelo autor. testa ser. Observa-se uma coerência textual, permitindo-nos constatar que sua construção provoca à atenção do ouvinte-leitor para o ápice da narrativa que enfatiza o escopo universal da missão de Jesus que perpassa todo o Evangelho. Se observarmos bem toda a estrutura do texto 4,1-14a não constatamos somente uma característica proeminente apresentada pelo evangelista, mas também identificamos que esta característica aumenta o significado interpretativo de toda a perícope.

As particularidades constatadas em Lc 4,1-14a assinalam que a narrativa da tentação de Jesus possui uma estrutura concêntrica. Muitos manuais e estudos exegéticos concluem a perícope no versículo 13. No entanto, o problema é a questão de onde exatamente ocorre a transição da narrativa de Lucas sobre o deserto para o ministério de Jesus na Galileia. Não apenas é uma pequena mudança incluir 4,14a com a narrativa da tentação, mas a função e o posicionamento de Lucas 4,14-15 não estão bem claros.

As cenas da tentação ocorrem no final dos capítulos preliminares de Lucas 1-4, enquanto o ministério na Galileia começa com Lucas 4,16. Devido as declarações resumidas feitas em Lucas 4,14b-15 e sua peculiaridade quando comparadas com essas seções em Mateus e Marcos, o argumento utilizado em Lc 4,14b-15 se destaca do que as precede e do que vem depois delas. Portanto, o critério de coerência com outras estruturas é satisfeito ao considerar 4,1-14a como uma estrutura concêntrica contida no segmento maior de 4,1-15 (Louden 2017).

O texto é bem delimitado pelos versículos 1 e 14a (a – a'), como podemos ver abaixo:

a	[1]Ora, Jesus, **pleno do Espírito Santo**, retornou do Jordão, ele era constantemente conduzido de forma intima pelo Espírito para dentro do deserto,
a'	[14a]Então, Jesus retornou, **com o poder do Espírito**, em direção à Galileia.

A moldura da perícope é constatada no paralelismo sinonímico visualizado na expressão "pleno do Espírito Santo" (4,1) que muito se assemelha com a outra expressão pneumatologia presente em Lc 4,14 "com o poder do Espírito. A moldura teológica se torna ainda mais evidente quando se observa a repetição do verbo "voltou" conjugado no tempo aoristo e no modo indicativo com a voz ativa, em ambos os versículos citados. Ainda assim, a emolduração literária é ainda mais fortificada pelo nome "Jesus" e pelo paralelismo geográfico que relaciona o vale do "Jordão" (4,1) com a "Galileia" (4,14a). Além de delimitar o texto, este paralelismo acentua a pneumatologia, ou seja, o papel do Espírito exposto no decurso dos textos do Evangelho em relação com a pessoa do Filho de Deus.

Na expressão "ele era constantemente conduzido de forma intima pelo Espírito", o evangelista parece retomar o texto de Dt 8,2 e destaca a total concordância de Jesus com o Espírito de Deus com o uso do verbo "conduzir, carregar ou guiar", no qual re-

cebe a conjugação do tempo imperfeito cujo aspecto revela a interação contínua que existia entre Cristo e o Espírito Santo. À vista disso, pode-se assinalar a singularidade do Evangelho de Lucas ao menciona o Espírito pelo menos dezessete vezes, assinalando sua preocupação com a obra do Espírito que é fundamental para o retrato de Jesus (Louden, 2017), enquanto os textos do Evangelho de Marcos mencionam o Espírito apenas seis vezes e o Evangelho de Mateus doze vezes. A ênfase dada pelo evangelista nesse contexto aponta para a pessoa de Jesus "pleno do Espírito Santo" como sujeito da ação. Embora ele esteja em profusa união com o Espírito, o evangelista também apresenta Jesus como um sujeito responsável pelo seu próprio comportamento. Ele vive sob a orientação do Espírito que é a sua fonte de vitória sobre as tentações, supostamente, porque ninguém é tão íntimo ao Espírito Santo como Jesus demonstra ser em sua missão salvífica. Mesmo em contextos desérticos, Jesus é sempre aquele que se abre a moção do Espírito que conduz o serviço missionário do Filho de Deus (4,1).

Entre os versículos 2 e 12-13, vemos um outro paralelismo a ser verificado.

b	[2] **sendo tentado** por quarenta dias pelo **diabo**, contudo, ele não comeu nada naqueles dias. **Quando estes terminaram**, ele sentiu fome.
b'	[12]Então Jesus, sentenciando, disse: "Foi dito: Não **tentarás** o Senhor teu Deus". [13]O **diabo**, **quando terminou** toda a tentação, se afastou distanciando-se dele até o momento oportuno.

A sinonímia é confirmada pela repetição do verbo "tentar/provar", atestada entre os versículos 2 e 12. Não se pode deixar de notar a citação insistente do substantivo "diabo" (2 e 13) e a menção repetitiva do final de um período temporal importante ao episódio narrado: no versículo 2 o autor explica que Jesus sentiu fome no findar dos quarenta dias, já no versículo 13 o evangelista afirma que o diabo se afastou do Filho de Deus no final do período das tentações. Nota-se a repetição da raiz verbal "finalizar" encontrada tanto no versículo 2 quanto no versículo 13. A temática do paralelismo presente no versículo 2 e nos versículos 12-13 é condição de alguém tentado ou provado vivida intensamente pelo Cristo no período de quarenta dias, uma experiência de plenitude divina.

O evangelista enfatiza essa experiência e talvez por isso evite falar de jejum como em Mt 4,2, mas diz que durante esses dias não come nada, ele está cheio do Espírito, o Filho de Deus vive dessa plenitude, ela é o seu alimento. Jesus responde citando Dt 6,16, que se refere à história de Massa e Meriba, quando no deserto, os israelitas exigiram um milagre de Deus para que não morressem de sede (Ex 17,1-7; Nm 20,1-13). Por isso, a terrível realidade é passageira e infrutífera para o tentador que deve se afastar peremptoriamente do Filho de Deus (4,13). Ainda que o autor venha a afirmar um certo retorno do diabo, este não mais ousará tentar o Senhor de forma explícita. A derrota diabólica já é vista neste mesmo relato a respeito das tentações.

Vejamos agora o paralelismo entre os versículos 3-4 e 10-11:

c	[3]Então o diabo disse: "Se tu és o Filho de Deus, diga a esta **pedra** a fim de que ela se torne pão". [4]Jesus sentenciou diretamente a ele: "**Está escrito**: Não só a base de pão o homem viverá".
c'	[10]"**Pois está escrito**: aos seus anjos, ele ordenará para estarem ao seu redor, de modo que eles te protegerão [11]e sob as mãos ele te sustentará, a fim de que nenhuma **pedra** acerte o teu pé".

De imediato, nota-se a sinonímia atestada pela repetição da raiz verbal "escrever", citada nos versículo 4 e 10 os quais demonstram a mesma conjugação da referida raiz verbal: "está escrito" que está conjugado no tempo perfeito, cujo aspecto é aquele que enfatiza os efeitos perenes de uma ação realizada num passado remoto. Em outras palavras, ainda que a Palavra de Deus tenha sido escrita em um tempo muito longínquo, ela ainda continua com o seu frescor capaz de santificar qualquer pessoa que à escuta e à coloca em prática. No uso do substantivo "pedra" encontrado entre os versículos 3 e 11, observa-se que o evangelista reforça a sinonímia do paralelismo presente na linha c-c'. Contudo, o aspecto antitético revela-se na aproximação destes versículos que demonstram uma verdadeira batalha entre dois exegetas: no versículo 4, é a pessoa de Jesus quem cita Dt 8,3b e assinala que não é apenas a alimentação natural que pode preservar a vida (Sb 16,26), já no versículo 10, é o diabo quem entoa o Sl 91,11-12, que promete ao justo ajuda divina nos perigos que o ameaçam. Neste paralelismo está de forma implícita, uma pergunta: Quem tem a autoridade para interpretar legitimamente as Sagradas Escrituras?

O próximo paralelismo encontrado nesta estrutura de 4,1-14a é atestado entre os versículos 5-7 e 9.

d	[5]Então **elevando-o**, o diabo, em um instante do tempo, mostrou a Jesus todos os reinos da **civilização imperial**. [6]O diabo disse a ele: "Darei a ti esta autoridade e toda a sua glória, pois a mim foi entregue, de modo que, a quem desejo, posso dá-la. [7]Se, portanto, te prostrardes diante de mim, tudo será teu".
d'	[9]Ora, o diabo o ergueu em direção a Jerusalém e o colocou em cima do **pináculo do Templo** e disse a Jesus: "Se és o Filho de Deus, jogue-se daqui **abaixo**".

A sinonímia existente já pode ser intuída pelos verbos "conduzir para cima" (4,5) e "conduzir". Além disso, a tentação é realizada nas alturas, conforme explicitada no versículo 5.

No versículo 9 a altitude é visualizada na imagem do "pináculo do Templo" e no adverbio "abaixo" inserido na fala do personagem diabólico que desafia o Cristo a lançar-se do alto da torre mais alta do Templo rumo ao chão. A expressão "pináculo do templo" possivelmente seja uma indicação que se refere a um tipo de varanda na parede externa do templo, talvez no teto do salão real das colunas, ou a parte superior de uma das portas muito altas do templo (Schürmann, 1983).

O texto apresenta não somente a sua preocupação geográfica, mas também uma delicada sensibilidade espiritual, pois é possível verificar um paralelismo físico entre ambas as tentações que revelam um aspecto antitético entre elas, presente nos versículos 5-7 que ressalta a realidade da "mundanidade política/administrativa pagã",

muito relacionada ao Império Romano (Danker, 2000). Entretanto, no versículo 9, o autor refere-se à realidade diametralmente oposta que é o Templo, o espaço sagrado por excelência, o qual se opunha radicalmente às ideologias idolátricas do referido Império. Uma vez concebida como provável a intenção do autor em ter construído tal estrutura concêntrica, nota-se que a tentação referente aos reinos do Império Romano está vinculada com o prurido que envolve o tema da religião simbolizada no Templo judaico.

Intui-se que o personagem diabólico possui uma grande influência sobre as questões referentes à política de dominação sociocultural que instrumentaliza o Templo e as Escrituras a fim de propagar e maximizar o poder imperial idolátrico personificado na figura do tentador. Daqui emerge a mensagem principal da estrutura concêntrica apresentada por este estudo, visualizada no versículo 8 no qual o evangelista apresenta Jesus, o Filho de Deus com a seguinte sentença:

e	[8]Jesus, sentenciando, disse a ele: "Está escrito: tu deves prostrar-te ao Senhor, o teu Deus, ou seja, a Ele – tão somente deves adorar

O axioma principal de toda a estrutura concêntrica é o mandamento primordial do decálogo. Uma vez obedecido tal preceito, todo e qualquer discípulo não cairá na confusão que vincula o poder religioso ao poder imperial, reduzindo o primeiro a um mero satélite promovedor da realidade política mundana, contemplado no paralelismo visualizado nos versículos 5-7 e 9. Havendo a separação da religião frente ao poder estatal, pela obediência ao mandamento principal, será mais fácil identificar aqueles que, verdadeiramente, possuem um respaldo legitimo para interpretar a Sagradas Escrituras, em outras palavras, ainda que surja um idolatra citando o Sl 91,11-12 (Lc 4,10-11), este não será seguido por aquele que adora – tão somente – o Senhor que oferecerá o discernimento necessário para identificar o verdadeiro Filho de Deus que sublinha a Palavra Divina como o grande fundamento de subsistência para todo o gênero humano (4,4).

A solicitação do diabo no versículo 7 não seduz Jesus, ele profere parte do Shemà em Dt 6,13, a oração que o judeu recitava três vezes ao dia. Em momentos de profundas tentações, retratados pelo paralelismo sinonímico que vincula os versículos 2 e 12-13, o fiel adorador do único Deus viverá tais tribulações como realidades contingenciais. Tendo obedecido o primeiro mandamento do decálogo (Ex 20,1-17; Dt 5,5-21), o fiel terá o auxílio necessário para vencer qualquer tipo de tentação. Tal ajuda virá do Espírito Santo que sempre conduz e fortifica o discípulo temente a Deus, conforme está explicitado no paralelismo sinonímico progressivo que vincula os versículos 1 e 14. Portanto, o Messias se solidariza com aqueles que reconhecem sua dependência somente de Deus. O Filho, totalmente submisso ao Pai, viverá sua messianidade como um servo e será obediente até a morte (Rossé, 2001).

3. O Fundamentalista Bíblico presente em Mt 4,4 e Lc 4,10-11

Os textos de Mateus e Lucas acerca das "tentações de Jesus", fazem referência aos

textos do livro de Deuteronômio nos capítulos 5 a 9. Possivelmente, com a finalidade de apresentar a pessoa de Jesus como um novo Moisés e a sua atividade correspondente a um novo Israel vencedor da tentação, que supera a derrota do povo escolhido. Ademais, somente no texto do Evangelho de Lucas, encontra-se além dos paralelos com o livro de Deuteronômio, um pano de fundo com as narrativas contidas no livro de Êxodo dos capítulos 19 a 34, um contexto referente a apocalíptica intertestamentária e os messianismos correspondentes daquela época, que formam como uma catequese para ouvinte-leitor.

Na parte introdutória deste estudo explicitamos que todos esforços empregados na análise exegética estariam relacionados ao texto do Evangelho de Lc 4,1-14a, acerca das tentações, uma vez que é possível aferir, nesta perícope, a existência de um paralelismo concêntrico que evidencia a relação promíscua entre o profano e o sagrado, tal como se percebe no paralelismo sinonímico antitético visto nos versículos 5-7 e 9, os quais interrelacionam as duas últimas tentações feitas pelo personagem diabólico que parece não perder tempo em vulgarizar o espaço sagrado e as Escrituras por meio das ideologias corruptas de um Império idólatra e cruel. Por esta razão, vale sublinhar que o paralelismo citado acima não é possível ser identificado no relato do Evangelho de Mateus em 4,1-11, ainda que seja possível intuir uma estrutura quiástica:

a (4,1-2) Jesus foi levado pelo Espírito para o deserto

b *(4,3-4) O Tentador se aproximou*

c (4,5-7) **A sentença final de Jesus: Não tentarás o Senhor teu Deus!**

b' *(4,8-11) O Tentador se afasta*

a' (4,11) Jesus foi servido por anjo

Na estrutura acima podemos apresentar dois paralelismos sinonímico e a mensagem central apresentada pelo Evangelho de Mateus:

a-a'	Paralelismo Sinonímico Progressivo "Espírito" (v. 1) e "Anjos" (v. 11)
b-b'	Paralelismo Sinonímico Antitético "O Tentador se aproxima" (vv. 3-4) "O Tentador se afasta" (vv. 8-11)

c	Mensagem Principal Sentença de Jesus (vv. 5-7)

Aquilo que faz convergir entre as duas estruturas quiásticas, intuídas em ambos os evangelhos sinóticos, é o fato de que o personagem diabólico, o tentador, é um contumaz desobediente dos mandamentos prescritos no Decálogo. Trata-se de um ser vil que coloca até Deus à prova – conforme explicita a mensagem da estrutura quiástica presente no Evangelho de Mateus – e, ao mesmo tempo, deseja ser adorado, segundo a estrutura quiástica de Evangelho de Lucas que conforme sublinhado anteriormente, é a única estrutura a evidenciar, de forma nítida, a tensa relação entre o mundano e o sagrado, sendo que este último é instrumentalizado pelo primeiro. Tal nefasta interação é concretamente perceptível ao observar o fundamentalista bíblico manuseando as Sagradas Escrituras, utilizando o texto inspirado para comprovar suas convicções, sustentar suas ideologias, buscando realizar os seus próprios interesses ou alcançar interesses de um grupo.

De fato, o fundamentalista torna-se capaz de pinçar a perícope que o auxiliará na demonstração de suas certezas pseudocientíficas (Silva, 2014). O personagem que se comporta como um tentador nas narrativas presente em Mt 4,6 e Lc 4,10-11 opera – exatamente – este expediente ao citar na íntegra o Sl 91,11-12 como uma arma exegética a seu favor. Decerto, este personagem diabólico presume que Jesus é "Filho de Deus" e, seja esta a sua profunda identidade.

Depois de duas tentações, a primeira em relação ao apetite e o impulso naturais (4,3), a segunda a da ambição iníqua (4,5) ambas interessadas em fazer o mal a Jesus, segue-se uma terceira tentativa com a mesma intenção, mas sob o disfarce do bem e com profunda engenhosidade numa expressão de absoluta confiança com a qual a primeira tentação havia sido rejeitada, o diabo tenta a fim de ganhar uma confiança irrefletida e um orgulho espiritual. Ele pedia uma prova esplêndida dessa confiança e apelava para instintos espirituais pervertidos (Farrar, 1893), uma demonstração pública de seu relacionamento próximo com o Pai, em um lugar – o Templo de Jerusalém – onde a tradição considerava de modo preciso o lugar da presença de Deus.

Em 4,10 as palavras do personagem diabólico são evidenciadas através locução verbal "está escrito" que frequentemente é constatado nos textos do Novo Testamento para introduzir citações das Escrituras sublinhando uma autoridade. O diabo, neste contexto, tem a finalidade de dominar aquele oponente que poderia servir aos seus propósitos que já possuía uma forte influência sobre o Templo e sobre as Escrituras.

Ao utilizar *ipsis litteris* em ambos os Evangelhos Sinóticos do Sl 91,11-12a, sua intenção é distorcer a promessa de proteção divina para aqueles que confiam em Deus, sugerindo que Jesus deve provocar deliberadamente uma situação para forçar Deus a agir, revelando o quanto o tentador é capaz de acessar a Palavra de Deus ao seu bel prazer. Contudo, segundo Agostinho de Hipona, o diabo não pode fazer mais do que sugerir uma ação, ou seja, somente a pessoa tentada pode realizar o ato errado, o jogar-se no chão (Saint Augustine, 2002).

No versículo 12, Jesus responde à tentação com as expressões do livro de Deu-

teronômio em 6,16: "foi dito: não tentarás o Senhor teu Deus", sublinhando que a confiança em Deus não deve ser confundida com testes irreverentes à Sua fidelidade. Logo, o personagem demoníaco vive a sua terceira e última frustração. Esta que potencializa a maior de todas sentidas pelo diabo fundamentalista que anseia por saber se o Cristo é ou não é o Filho de Deus. Não é por acaso que, em ambos sinóticos, o tentador inicia duas perguntas com a expressão "se és Filho de Deus...". Trata-se de uma construção condicional e real, ou seja, a mesma revela que o diabo tinha uma certa compreensão daquilo que se referia as atitudes executadas por um filho divino, o mesmo que poderia operar milagres tal como transformar uma pedra em pão ou ser sustentado por anjos celestiais em uma eventual queda. Tal mentalidade a respeito da figura fantástica de um Filho de Deus é condizente com a tradição bíblica, pois o termo "Filho de Deus" pode ser atribuído a seres celestes (cf. anjo; Gn 6,2; Sl 29,1; 89,7; Jó 1,6; 2,1; 38,7), bem como pode referenciar à crença existente no mundo pagão, no qual se destacam os imperadores que se auto declaravam personificações das divindades.

O título tem provavelmente suas raízes nas concepções primitivas de membros de ordem divina ou sobre-humanos". Israel também foi visto como Filho de Deus, conforme Ex 4,22; Dt 14,1; 32,19; Is 1,2; 43,6; Jr 31,9.20; Os 2,1; 11,1 (McKenzie, 1983). Tais textos revelam a relação tumultuada entre YHWH e seu povo, este último responde com infidelidade às investidas de amor demonstradas por Deus. Por sua vez, Hahn ressalta que Filho de Deus é, de igual modo, "um dos enunciados messianológicos para se referir à adoção e à designação do rei que assume seu ofício como em: 2Sm 7,14; Sl 2,7; 89,27; Is 9,5" (Hahn, 2002, p. 1830, tradução nossa). Sendo assim o "filho de Deus é um título régio e litúrgico" (Brueggemann, 2007, p. 649), que segundo Gilligham, é utilizado em cerimônias de coroação. Provavelmente o título condecorou a monarquia davídica, em uma época típica de inquietação política (Gillingham, 2005).

O título de filiação divina também era muito usado em contextos pagãos, especialmente dentro do Império Romano, no qual imperadores se autodeclaravam "filhos de Deus". Portanto, o personagem diabólico, ao esbanjar o seu conhecimento a respeito do título "Filho de Deus", ele obedece a uma mentalidade tradicional que vincula a referida honraria a:

a. Um contexto sobre-humano esotérico, como aquele da corte celestial;
b. Um contexto que demonstra o povo israelita idólatra e desobediente;
c. Um contexto político no qual enfatiza e protagoniza a figura do monarca, seja ele israelita ou não;

Baseado em tal interpretação, o tentador tinha razão ao dizer que o Filho de Deus poderia fazer atos espetaculares. Contudo, este não é o comportamento de Jesus que rejeita a fama, triunfalismos e a ideia de um messianismo fácil e populista. Logo, vemos que o tentador não possuía a mesma concepção a respeito da filiação divina que portava a pessoa de Cristo.

O evangelista Lucas apresenta a filiação divina do Cristo de forma muito original. Aletti afirma que, para o autor do terceiro evangelho, os atributos de Messias e

Filho de Deus "são dois títulos inseparáveis" à pessoa de jesus, tal como se percebe na narrativa em que o anjo Gabriel anuncia a Maria a encarnação de Jesus em Lc 1,32. O mesmo esquema de apresentação de Cristo ocorre no primeiro discurso querigmático de Pedro nos textos de Atos dos Apóstolos em 2,38 (Aletti, 1991, p. 73). No entanto, vale ressaltar que o evangelista enfatiza insistentemente o fato de que Cristo é o Filho de Deus de uma forma irrepetível, dando a essa realidade da filiação divina a afirmação de sua humanidade autêntica e total, e faz isso especialmente nas narrativas da infância em 2,40 e 2,51-52: o Filho de Deus em sua aparência de Filho do Homem. Essas declarações implicam em Cristo uma humanidade em evolução, um crescimento gradual, em estágios, idêntico ao de qualquer outro homem em seus diferentes níveis de maturação: físico, psicológico e espiritual.

A humanidade de Cristo, em essência, não se apresenta na terra já completa, ou perfeita em sua maturidade, mas segue os ritmos e estágios de qualquer ser humano, que de criança se torna homem, enquanto sua interioridade e a luz de sua consciência crescem em proporção ao seu crescimento em idade.

Há muitos detalhes no decurso dos textos do Evangelho, como por exemplo, a menção sobre a apresentação do Cristo no templo e sua a circuncisão que pressupõe necessariamente uma fisiologia completa e normal a qualquer homem. Logo, o Cristo – conhecido pelo evangelista – é o Filho de Deus, mas ele também é, e plenamente, o Filho do Homem.

Mediante a disparidade de entendimento a respeito da filiação divina, o personagem diabólico usa – de forma profana – as Escrituras a fim de que Cristo confirme na pratica as expectativas demoníacas que versam sobre o título referido.

A perversão provoca uma ignorância no demônio que, ao invés de escolher um salmo conhecido como messiânico, como por exemplo os textos dos Salmos: 2, 18, 21, 45, 72, 101, 110 e 144,1-11 (Kselman; Barré, 2015), o tentador prefere escolher – no auge de seu fundamentalismo – o Sl 91 para levar a cabo o seu plano em corromper o Filho de Deus. Trata-se de uma escolha equivocada porque a prece em questão remonta o contexto litúrgico em que o fiel roga ao Senhor a proteção frente a qualquer tipo de situação perigosa. Logo, ao recitar o referido salmo, o diabo oferece a Cristo uma arma poderosa que serve ao Filho de Deus a fim de que ele possa derrotar o tentador que, não obstante ao fato de ter decorado a prece, parece não conhecer o poder exorcizador da referida prece que porta consigo a salvífica promessa messiânica contida sobretudo na tradição profética (Mt 2,15.23; 4,14; 8,17; 12,17; 13,35; 21,4; 26,56; 27,35; Lc 4,18ss; 21,22; 24,44; 21,22; Jo 12,38; 15,25; 17,12; 19,24; At 3,18; 13,29). À vista disso, pode-se afirmar que toda a narrativa destaca a manipulação das Escrituras pelo obtuso diabo que, no final das contas, utiliza a Escritura contra os seus próprios planos tentadores. Igualmente, o relato sinótico, ao narrar a resposta adequada de Jesus, revela a importância de um entendimento profundo e reverente das Palavras Sagradas. Somente com tamanha atitude pode-se vencer qualquer armadilha diabólica.

Reitera-se novamente a ignorância do personagem diabólico frente às Escrituras a fim de aproximá-lo dos fundamentalistas dos tempos hodiernos. Estes tais pseudos exegetas que se apegam – de modo equívoco – à literalidade da Escritura também às interpretam segundo suas ideologias. Porquanto, estes falsos estudiosos dos textos sacros, renunciam à necessária contextualização histórica, se opondo – por assim di-

zer – aos métodos exegéticos, como aquele do histórico-crítico ou de qualquer outro para interpretar a Escritura (Leandro, 2023).

É bem típico do fundamentalista bíblico ser profundamente conservador na elaboração de suas teses. Com isso, ele se recusa a qualquer tipo de novidade e se prende – de forma muito rígida – a verdades absolutas e infalíveis, segundo o seu modo de compreender a realidade, por causa disto, o fundamentalista adere a teorias precisas sobre o fim dos tempos e a discursos messianistas ou milenaristas (Jaspard, 2006).

Ao assumir as atitudes similares ao comportamento de um fundamentalista bíblico, o tentador apresentado em 4,1-14a enxerga de forma parcial a Palavra de Deus visualizada no Cristo Jesus que, por sua vez, é o Filho de Deus, contudo esta filiação traz uma novidade ímpar que escapa à limitada compreensão diabólica, aquela aprisionada em chaves hermenêuticas ultrapassadas e equivocadas.

Na estrutura quiástica apresentada neste estudo, assinala-se a possibilidade de estudar, interpretar e compreender as Sagradas Escrituras de maneira autêntica, à luz das interpretações feitas pelo próprio Jesus.

A adoração exclusiva ao Senhor remete ao ambiente litúrgico reservado aos pequeninos destinatários da revelação dos mistérios realizada pelo Pai (Lc 10,21), aquele que faz conhecer o Filho, o qual fornece o conhecimento do Pai (Lc 10,22). Sendo assim, a forma legitima de interpretar os mistérios divinos contidos nas Sagradas Escrituras perpassa pela comunidade orante e que adora o único Deus, Aquele que guia sua assembleia por meio do Seu Espírito que, por sua vez, à desenvolverá autenticamente em ligação com a Escritura que, igualmente, é formada no interior da mesma comunidade de fé guiada pelo Senhor e pelo Seu Espírito (Pontifícia Comissão Bíblica, 1994). Em outras palavras, uma boa interpretação bíblica é aquela que une as Sagradas Escrituras, Tradição e Magistério. Este último recorrerá aos diversos métodos exegéticos de interpretação dos textos inspirados sem renunciar aos credos, dogmas e práticas litúrgicas.

Infelizmente, o caminho escolhido por um fundamentalista é aquele que se opõe diametralmente à uma leitura eclesial. O pseudo-intérprete absolutiza sua interpretação privada dos textos bíblicos e à impõe para os seus ouvintes. Tal atitude pode levar o fundamentalista a realizar uma "trapaça metodológica, que pode ser assim definida: não é uma interpretação que abre o texto, e sim o texto que comprova a interpretação" (Silva, 2014, p. 321).

O orgulho autossuficiente de um fundamentalista bíblico o liga diretamente ao personagem diabólico, o qual se vê tão divino e, por isso, acha justo exigir a adoração de todos. Ambos se qualificam como os detentores da compreensão divina a respeito das Sagradas Escrituras. Eles não sentem a necessidade de instrução, não importando o quanto os textos bíblicos possam apresentar uma certa não linearidade entre eles, aquela que pode provocar dificuldades no entendimento de quem lê e/ou estuda as Sagradas Escrituras de forma solitária e separada da comunidade que tem o Cristo como imagem do Deus invisível (Cl 1,15), Aquele que é o verdadeiro Filho de Deus e Messias. Por isso, o Cristo é aquele que pode interpretar, de forma eminente, as Escrituras (Lc 24,27) sempre auxiliando a sua comunidade no entendimento profundo da mesma Palavra de Deus.

Considerações finais

Por meio da estrutura concêntrica, evidenciada nos relatos das tentações, presente em Lc 4,1-14a, o presente estudo propõe uma análise retorica na qual sublinha-se a causa de uma leitura fundamentalista da Sagradas Escrituras que é aquela de instrumentalizar a Palavra de Deus para alcançar e dominar mais adeptos à ideologia mundana que subverte os textos inspirados de modo que não são mais eles a falar.

O fundamentalista torce as Escrituras, por meio do literalismo, a fim de que elas digam o que é do seu interesse particular. Tal característica manipuladora é vista no tentador que procura se comportar como um exegeta frente ao Sl 91,11-12, conforme apresenta os textos sinóticos de Mt 4,6 e Lc 4,10-11.

O personagem diabólico repete *ipsis litteris* a prece referida, transformando-a em uma arma profana, a fim de corromper o Filho de Deus. O diabo tenta Cristo a partir da realidade sagrada simbolizada também pelo Templo. A autoridade do espaço sagrado e da Bíblia é subjugada pelo tentador, representante máximo de uma política imperial que quer ser cultuada e absolutizada.

Não é incomum, nos tempos atuais, ver políticos usando a Palavra de Deus para alcançar mentes e corações, a fim de que estes sejam promovedores das ideologias particulares das referidos representantes públicos. Como exemplo, apresenta-se o candidato à presidência dos EUA, Donald Trump, que lançou a "Bíblia Patriota" para ser vendida a US$ 60, tudo para aliviar despesas legais e de campanha. Junto da Bíblia King James vem uma reprodução de documentos como a Constituição Americana – com suas dez primeiras emendas, a Declaração de Independência e o juramento à bandeira (Gold; Haberman, 2024). Eis um exemplo atual em que políticos se apropriam da Bíblia para conseguir mais adeptos cristãos, a fim de que estes possam auxiliar os seus objetivos que nem de longe são aqueles desejados pelo Senhor, a saber, a evangelização e a salvação universal de toda a humanidade.

Conclui-se, portanto, que tanto Mateus quanto Lucas, herdam uma tradição escrita que apresenta o personagem diabólico como um representante literário de todos aqueles que tentam alienar os cristãos por meio da leitura fundamentalista das Sagradas Escrituras, estas que pavimentariam o projeto de poder ansiado por membros do Império ou por aqueles que disputavam por status no interior das primeiras comunidades cristãs.

Por ser palavra inspirada, percebe-se que o relato das tentações, no qual apresenta o tentador como um fundamentalista bíblico, ainda consegue, no hoje da história, denunciar os oportunistas dos tempos atuais, os mesmos que se comportam como pseudos exegetas que se arrogam no direito em vulgarizar as Sagradas Escrituras, com suas interpretações fundamentalistas que convidam a todos a suicidar a capacidade do homem em pensar (Pontifícia Comissão Bíblica, 1994).

Referências

ALETTI, Jean-Noël. *L'arte di Raccontare Gesù Cristo:* la scrittura narrativa del vangelo di Luca. Brescia: Queriniana, 1991.

DANKER, Frederick W. (ed.). *A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature*. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

BRUEGGEMANN, Walter. *Teología del Antiguo Testamento:* un juicio del Yahvéh. Salamanca: Sígueme, 2007.

CARRIÈRE, Jean-Marie. *O livro do Deuteronômio:* escolher a vida. São Paulo: Loyola, 2005.

FARRAR, Frederic William. *The Gospel According to St Luke*. Cambridge: Cambridge University Press, 1893.

GILLINGHAM, Susan E. O Messias nos Salmos: uma questão de história da recepção e o Saltério. In: DAY, John (org.). *Rei e Messias em Israel e no Antigo Oriente Próximo*. São Paulo: Paulinas, 2005.

GOLD, Michael; HABERMAN, Maggie. Trump's Newest Venture? A $60 Bible. *The New York Times*, New York, 26 mar. 2024. Disponível em: https://www.nytimes.com/2024/03/26/us/politics/trump-bible.html. Acesso em: 16/05/2024 18:10 hrs.

GREEN, Joel B. *The Gospel of Luke*. Grand Rapids. William B. Eerdmans Publishing Company, 1997.

HAHN, Ferdinand. υἱός, οῦ, ὁ huios hijo*. *In:* BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard. *Dicionário Exegético del Nuevo Testamento*: vol. II (λ – ω). Salamanca: Sígueme, 1998. p. 1824-1856.

JASPARD, Jean-Marie. Signification psycologique d'une lecture "fondamentaliste" de la Biblie. *Revue Théologique de Louvain*, Louvain, v. 37, 2006, p. 200-216.

KISTEMAKER, Simon J. The structure of Luke's Gospel. *Journal of the Evangelical Theological Society*, v. 25, n. 1, p. 33-39, mar. 1982.

KSELMAN, John; BARRÉ, Michael. Salmos. *In:* BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland (org.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*: Antigo Testamento. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2015. p. 1029-1086.

LEANDRO, Carlos André da Cruz. A persistente leitura fundamentalista da Bíblia. *ReBiblica*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 325-338, 2023.

LIMA, Narcélio Ferreira; SILVA, Valmor da. Fundamentalismo bíblico. *In:* BOMBASSARO, Luiz Carlos; NODARI, Paulo César (org). *Humanidade*: Futuro em comum. Fundação Fênix: Porto Alegre, 2023. p. 165-178.

LOUDEN, Caleb T. The Chiastic Arrangement of the Lukan Temptation. *The Journal of Inductive Biblical Studies*, Wilmore, v. 4, n. 2, p. 129-154, 2017.

MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983.

MORAIS, Pedro da Silva. Diálogo e Cultura do Encontro: um itinerário cristão em tempos de fundamentalismo. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, São Paulo, v. 10, n. 17, p. 277-286, jan./jun. 2016.

NESTLE, Eberhard; NESTLE, Erwin; ALAND, Barbara; ALAND, Kurt; KARAVIDOPOULOS, Johannes; MARTINI, Carlo M.; METZGER, Bruce M. (ed.). *Novum Testamentum Graece*. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgeselschaft, 2012.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*: discurso de Sua Santidade o Papa João Paulo II e documento da Pontifícia Comissão Bíblica. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1994.

ROSSÉ, Gérard. *Il Vangelo di Luca*: commento esegetico e teologico. Roma: Città Nuova, 2001.

SAINT AUGUSTINE. *Expositions of the Psalms 73-98*. New York: The New City Press, 2002.

SCHÜRMANN, Heinz. *Il Vangelo di Luca*: parte prima. Commento ai capp. I,I-9,50. Brescia: Paideia, 1983.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de exegese bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2014.

SMITH, Charles A. *Criteria for Identifying Chiasm of Design in New Testament Literature:* Objective means of distinguishing chiasm of design from accidental and false chiasm. 2009. Dissertação (Doutorado de Filosofia em Artes) – Universidade de Bristol, 2009.

Estudos Bíblicos

OPEN ACCESS

Distribuído sob Creative Commons CC-BY 4.0
® 2025 aos autores.
Publicado e Distribuído por ABIB

Revista Oficial da
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica